

Orfanatos e hospitais em Kibumba e Minigi



Muhamar acordou assustado. Algo muito terrível acontecera nessa noite. Comentava-se que um grupo de refugiados havia sido transferido para o hospital de Kibumba depois de um conflito, que resultou na morte de doze pessoas, por tentarem se apropriar de um pouco de água, num povoado próximo ao campo. Parecia que todos estavam enlouquecidos. Pegavam seus pertences, gritavam e reuniam os grupos que deveriam esconder-se ou mesmo seguir em busca de outro lugar.

O Alto Comissariado das Nações Unidas reunia as equipes dos *Médicos sem Fronteiras* e tentava manter os doentes e feridos no campo, mas era impossível controlar a decisão de 50 mil pessoas que atemorizadas pretendiam fugir .

Zamia, que se agarrava ao amigo com medo de ser arrastada pela multidão, perguntou.

- Que dia é hoje?
- 29 de março de 1995. Por que isso agora?
- Se sobrevivermos, essa data deve ser registrada como o dia em que perdi as esperanças – respondeu a jovem com os olhos arregalados e dos quais escorriam grossas lágrimas.
- Ouvi dizer que os militares da Tanzânia estão fechando as fronteiras. Não podem receber mais ninguém. Quando estive lá, muitos de nossos parentes viviam em cabanas de plástico, sem possibilidades, até mesmo, de enterrar os mortos que permaneciam amontoados pelos campos. Já receberam 600 mil. Parece que há ruandenses demais no mundo!
- É claro, muitos grupos viviam separados. Com as guerras, houve muita aglomeração de pessoas em lugares muito próximos, pondo todos nós em sérias dificuldades. Essa súbita vida em núcleos urbanos causou problemas de abastecimento de água, alimentos e de trabalho.
- Ademais, esse volume de pessoas aglutinadas num mesmo lugar provocou desmatamentos, crise na produção de alimentos, e a falta de esgotos, de cemitérios e de medicamentos vem se tornando cada vez mais grave.

Pensou que estavam vivendo num círculo vicioso. A guerra os debilitava e eles provocavam a rápida alteração do meio ambiente. A natureza sentia toda a tragédia pela qual estavam passando.

- Minha amiga, não dá para resolver nenhum problema quando, numa população de 7 milhões de ruandenses, um milhão foi massacrado em apenas quatro meses.
- Eu estou vivendo como posso – disse Zamia. – Estou caminhando de um lugar para outro há tanto tempo que apenas passo pelos lugares. Como vamos contar essa história a nossos filhos? Não tenho nada para contar a não ser que vejo a morte todo o tempo em todos os lugares. Não sei cantar, não lembro do rosto de minha mãe, não tenho parentes, somente você está comigo – afirmou soluçando.

Ambos ficaram em silêncio.

- Agora temos também a cólera nos acompanhando – disse para si mesma depois de alguns minutos.
- Zamia, essa tristeza não vai continuar por muito tempo, lembre-se de tudo o que temos conversado nessa longa caminhada. E as histórias de seus avós? Lembra quanto já rimos do jeito que ele enrolava as fibras dos cestos? Lembra dos belos potes de argila pintados? E das panelas, e do modo como ele dançava? Vamos, procure alguma coisa para fazer para esquecer a dor e a morte. Tenho medo de que já estejamos nos acostumando com a violência. Esse seria o maior perigo para nós!

Ela sorriu, enxugando os olhos vermelhos, e disse, em tom de galhofa:

- Não entendi nada do que você disse. Às vezes é muito difícil saber o que você pensa. Tenho medo de morrer, de pegar doença ou ficar aleijada. Mas tenho mais medo ainda de ficar sozinha, de perder você.

Temendo ser contaminado pelo sentimento de banalização da vida que pouco valia naquele lugar, Muhamar procurou cantarolar uma canção de ninar que sua mãe murmurava quando ele era bem pequeno. Era a lembrança mais doce que poderia tirar de sua memória nesses momentos dolorosos de sua vida.

O rapaz nem conseguia mais chorar. Parecia que as lágrimas tinham secado como as águas dos pequenos lagos que existiam em Ruanda. As coisas que o faziam ficar mais forte eram a coragem e a dedicação dos grupos de ajuda que chegavam de muitas partes do mundo.

Alguns grupos humanitários de franceses, belgas e holandeses por intermédio de organizações não-governamentais dedicavam-se a ajudá-los, convivendo com eles naquela miséria. Se podiam deixar suas cidades, conforto, filhos para se dedicarem aos doentes, às crianças, ou aos mutilados, ele e sua amiga, fortalecidos por essa solidariedade, também continuariam as lutas pelas próprias vidas e pela dos demais.

Os momentos mais reconfortantes eram os que ocorriam com a chegada dos carregamentos do Programa Mundial de Alimentação. As crianças eram organizadas em

grupos para receberem os alimentos. A recomendação do Comissariado era para que fossem dosados.

– Sabe que não se pode alimentar demais um faminto? – perguntou à amiga.

Ela arregalou os olhos redondos e moveu negativamente a cabeça.

– Se você exagerar, a pessoa pode ter um choque – continuou o rapaz.

– Acho que essa história é só para enganar a gente – disse a moça, desconfiada.

Ele riu e afirmou que também não era bom modificar os costumes alimentares das pessoas, pois a desidratação poderia piorar ainda mais a frágil vida dos desnutridos.

Zamia aderiu ao trabalho voluntário e se engajou numa das equipes dos *Médicos sem Fronteiras*. Queria salvar vidas. Começou cuidando de ferimentos e de diarréias, depois passou a fazer higiene de feridas putrificadas, com bandagens de algodão, mais tarde aprendeu a aplicar injeções e a fazer alimentos balanceados para as barrigas doentes.

Muhamar, por sua vez, dava aulas, tocava viola e batucava com as crianças nas rodas de brincadeiras. Tingia panos e escrevia notícias para o Comissariado. Nas noites de folga, reunia-se com a amiga para trocar as experiências vividas entre um encontro e outro.

– Estou sendo transferido para o campo de Kisesa – disse para Zamia, com um pouco de vergonha. – Vou ajudar a construir casas de argila e telhado de folhas de palmeiras.

– Onde é isso? – perguntou a moça.

– No Zaire, vamos transferir muitos dos nossos para lá, numa área de floresta tropical, com água e muitos animais. Mas a transferência deve ser feita com cuidado, para não provocar ocupação desordenada e em massa e a conseqüente destruição do lugar.

– Como pode deixar as crianças do orfanato sem escola? – indagou Zamia disfarçando a tristeza.

– Estou deixando Kabil em meu lugar, ele já está bem preparado e pode ainda treinar Manula para ser sua ajudante.

– Vou sentir sua falta – disse a moça em voz baixa. – Não tenho ninguém e será muito difícil ficar sozinha.

– Vai ser criado um hospital em Kisesa. Veja se consegue ser indicada para ir comigo.

– Ela já foi indicada – respondeu uma voz que chegava. Era Marianne, uma médica holandesa que ensinara tudo o que Zamia sabia.

– Como assim, não estou sabendo de nada! – disse a garota, assustada.

– Não podemos separar vocês dois. São muito importantes para a reconstrução do país. Depois, vamos precisar de ambos no projeto de criação de agrovilas.

Marianne afastou-se sorrindo e pôde ainda ouvir a voz de Muhamar.

– Está vendo? Já está começando um novo modo de viver neste planeta, e nós somos os primeiros desse novo lugar. Beijou a testa da amiga e a acompanhou até seu alojamento para ajudá-la a recolher os poucos objetos que possuía.

FOTO Reabilitação das vítimas das guerras e dos mutilados por minas. Campo de Lar do Cangalo, Angola, 1997.

MAPA n. 6 Refugiados no continente africano: sudaneses, ruandeses, moçambicanos e angolanos.

LIVROS MESGRAVIS, Laima. *A colonização da África e da Ásia. A expansão do imperialismo europeu no século XIX*. São Paulo: Atual, 1998 (Col. História Geral em Documentos) ■ OLIVIER, Roland. *A experiência africana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 ■ RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975 ■ SERRANO, Carlos M. Henriques e MUNANGA, Kabengele. *A revolta dos colonizados: o processo de descolonização e as independências da África e da Ásia*. São Paulo: Atual, 1995 ■ WODDIS, Jack. *África: raízes da revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, s.d.

FILME *Um grito de liberdade* (1987, Richard Attenborough).

BURUNDI

Quando a Alemanha foi derrotada na Primeira Guerra, a Bélgica apossou-se da colônia e separou Ruanda de Burundi, que foi anexado ao Zaire. Os belgas optaram por um sistema de administração indireta, apoiado nas oligarquias tutsis. Esse processo acabou alimentando algumas manifestações nacionalistas que, na década de 1950, culminaram na estruturação do Partido da Unidade e do Progresso Nacional (Uprona), dirigido por Louis Rwagasore, que chegou a ser indicado primeiro-ministro em 1960. Temendo sua liderança, pela semelhança de seu carisma com o de Patrice Lumumba, do Zaire (hoje República Democrática do Congo), conseguiram assassiná-lo, alguns meses antes da independência. Em 1º de julho de 1962, ocorreu a independência, passando o governo a ser exercido por uma monarquia tutsi, articulada com os belgas.

A violência cresceu muito nos primeiros quatro anos dessa monarquia, tendo havido troca de primeiro-ministro por cinco vezes. Em 1966, um dos primeiros-ministros, Michael Micombeiro, por meio de um golpe de Estado, proclamou a República, expurgou em massa os funcionários hutus, promovendo até 1971 sistemático massacre dessa população com a morte de 350 mil pessoas e o exílio de aproximadamente 70 mil.

Em 1976, Jean Baptiste tomou o poder, prometendo o fim dos conflitos étnicos e a implantação de reformas democráticas. Democratizou o Uprona, distribuiu terras, legalizou os sindicatos. No plano externo, aproximou-se da Tanzânia e recebeu ajuda chinesa para explorar suas jazidas minerais. Em 1979, no primeiro congresso do Uprona, foi elaborada a nova Constituição, que entrou em vigor em 1981. Em 1988, hutus e tutsis voltaram à guerra, levando 60 mil hutus a se refugiarem em Ruanda.

Em 1989, retornaram ao país, depois que o cargo de primeiro-ministro fora entregue a Adrien Sibomana. O governo militar reconciliou-se com a Igreja católica, devolveu bens expropriados, privatizou empresas públicas e criou um Tribunal de Contas. Em 1992, promulgou uma nova Constituição pluripartidária e convocou eleições para 1993. Os tutsis foram derrotados pelos hutus, que elegeram Melchior Ndadaye, da Frente para a Democracia do Burundi (Frodebu), com maioria hutu. Três meses depois de eleito, o presidente foi assassinado por um golpe que acabou fracassando. A primeira-ministra Sylvie Kinigi, asilada na Embaixada da França, manteve o controle do país. Os líderes fugiram ou foram presos, subindo ao poder o hutu Cyprien Ntaryamira.

Os partidários do presidente assassinado atacaram os membros do Uprona, provocando a morte de dezenas de milhares de pessoas e o êxodo de 600 mil. Nesse processo consolidam-se milícias armadas extremistas, responsáveis não só pelo acirramento da violência, como pelo atentado que matou o presidente do Burundi e o de Ruanda.

Em 1995, o Uprona abandonou o governo, numa manobra para forçar a renúncia do primeiro-ministro, retornando ao poder quando alcançou seu intento. Em 1997, o observador especial da ONU, Paulo Sérgio Pinheiro, declarou que a sanção internacional estava provocando maiores dificuldades para a população do país e pediu a suspensão do embargo.